

"OS ESTUDANTES E OS PAVÕES AUTORITÁRIOS"

J.F.Regis de Morais

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Quem são os estudantes ? Na verdade, quem são esses que a sociedade industrializada coloca dentro da categoria vaga de **estudantes** ? Na revolução estudantil de 1968, em Paris, havia uma palavra de ordem muito curiosa: "Sejamos realistas: exigimos o impossível". São loucos os estudantes ? ou se fazem gratuitamente de doidos ? Todos nós, os que já nos amoldamos de alguma forma aos modelos vigentes de conduta, temos um pouco de medo dos estudantes.

Eles são disponíveis, e isto nos incomoda. São criativos, e isto nos mete pânico. Afinal, criatividade implica riscos e os ajustados e comprometidos com a ordem vigente não gostam de riscos. Com poucas exceções, a vida estudantil é o momento desvinculado que um dia vivemos, é a hora libertada das prisões sociais em que ficamos gostosamente atrevidos. Não se trata de um atrevimento parcial e estudado; trata-se de nos atrevermos a "exigir o impossível". Por quê ? Porque a **utopia** é o que movimenta a vida do estudante, não no sentido pejorativo que o termo possa ter (utopia como realidade inalcançável), mas em seu sentido rico: utopia como aquilo que **ainda não** teve lugar, mas no que se acredita com juventude e decisão.

Hoje há um conflito constante entre estudantes e estruturas (educacionais, políticas, econômicas). Esta é a hora em que as cabeças envelhecidas — e esta velhice pouco tem a ver com cronologia — entram em parafuso. Uns suspiram: "já não é admissível essa crise !" outros têm ímpetos de chamar a polícia e atirá-la contra os estudantes (os mais que velhos, os caquéticos de trinta ou sessenta anos). Poucos se apercebem de que o conflito é a morada da vida, de que as coisas vão muito mal é quando não está acontecendo nada. A vitalidade de um grupo social mede-se pela sua coragem de não escamotear os conflitos que subjazem à vida.

Os estudantes vêm muito bem que as coisas estão críticas, mas querem **participar** da crise, não para ficar, como os intelectuais e as velhas, alisando e penteando a crise, mas para exigir o impossível. Não será que eles, muitas vezes afastados de Deus sabe-se lá por que hipocrisias institucionais das religiões, intuem mesmo assim o dizer evangélico: "os impossíveis dos homens são possíveis para Deus" ? E como esta é uma fase em que se sentem os deuses da liberdade, assumem a possibilidade do impossível.

Ao comprido dos séculos, movimentos estudantis têm motivado guerras grandes e pequenas, têm abalado governos, têm criado novas perspectivas para se pensar a educação. E estamos convencidos de que a maior escola do estudante é a escola da **participação** social. Este é um ponto de vista que os autoritarismos não perdoam, uma vez que todo autoritário é mecanicista e quer ver a vida funcionando como a grande orquestra das indústrias: cada **peça** da maquinaria cumprindo sua função e reduzida exclusivamente à insignificância da sua função. Não dizem sempre: "estudante é para estudar ? " Sem dúvida que estudar é função do estudante, mas há outra que é mais anterior — sua função de ser **humano** e **cidadão**, a despeito de todos os **papéis** que lhe **dêem** ou não maioridades convencionais.

Há uma coisa positiva na história das sociedades. É que aqueles que querem e devem participar não dependem da autorização de ninguém: põem-se, simplesmente, a participar e impõem aceitamos o fato da sua presença na cena das decisões. Assim, quando as estruturas de mando — que não devem ser confundidas com as lideranças executivas — lançam mão de estranhos recursos para repelir a participação dos estudantes em um dado processo social, têm a impressão de que estão conseguindo seu intento mas, na verdade, o que fazem apenas é protelar conflitos e carregar cada vez mais as nuvens para o futuro vendaval que se deverá abater, forçando a participação dos que a ela têm direito. Há uma grande lição a se tirar da História: “os autoritarismos nunca foram vitoriosos para sempre”.

Cabe, assim, às instituições sensatas e decentes, não cercearem o impulso de participação das forças estudantis. Cabe inclusive que levem em conta que o estudante que viveu a dimensão da sua luta, que batalhou na sutileza das causas sociais que lhe dizem respeito, será futuramente um cidadão mais preparado para o exercício do diálogo e para a maturidade dos cargos decisórios. Por estas razões voltamos a firmar: a melhor escola do estudante é a da participação, e quando as estruturas lhe negam esse direito têm que assumir a responsabilidade por um primeiro atentado contra os pressupostos da Educação.

Não me deterei aqui a mencionar movimentos estudantis específicos, querendo dar ares de novidade a fatos já fartamente divulgados pelos meios de comunicação. Prefiro que este breve escrito seja uma reflexão sobre o sentido básico daquilo que tantos chamam de “participação estudantil” e, no entanto, parecem não entender daquilo mesmo que falam. Sim, porque não se concede ao aluno a oportunidade de participar; este é um direito seu que um mínimo de senso de justiça e reconhecimento humano procura não entrar.

Gostaria, porém, de não chegar também ao extremo de absolutizar a validade dos movimentos estudantis. Nem todos constroem. E é simples de entendermos porque: nem pelo fato de serem movimentos de juventude, nem pelo fato de serem lutas estudantis, estão eles dispensados de um mínimo de inteligência e de decência em sua conduta. Digo isto porque, ao longo de minha vida de 17 anos em meio universitário, já vi muitos estudantes se deixarem manipular indecentemente por forças estranhas à natureza de sua causa. Inteligência é o que se usa para não ser manipulado. Decência é o respeito básico pelo ser humano, do qual não há ninguém dispensado. Do ponto de vista antropológico, todo movimento que desrespeita o homem é, já de si, abortivo.

No mais das vezes, porém, o movimento estudantil é algo de muito positivo e formador, que atesta a vitalidade dos que preparam o amanhã e ainda não estão atados a vaidades e comprometimentos.